

A AVENTURA DE DESCOBRIR A VIDA

TERRA da gente

www.terradagente.com.br

ANO 8 NÚMERO 96 | ABRIL DE 2012

GOIABACAXI

Conheça a feijoa:
parece goiaba com
sabor de abacaxi

FLORESTA NEGRA

Os segredos do
refúgio da vida
selvagem alemã

VIDA NAS PEDRAS

Atoil das Rocas,
o vulcão que virou
oásis em alto-mar

JÁ SABEMOS ONDE ELE MORA

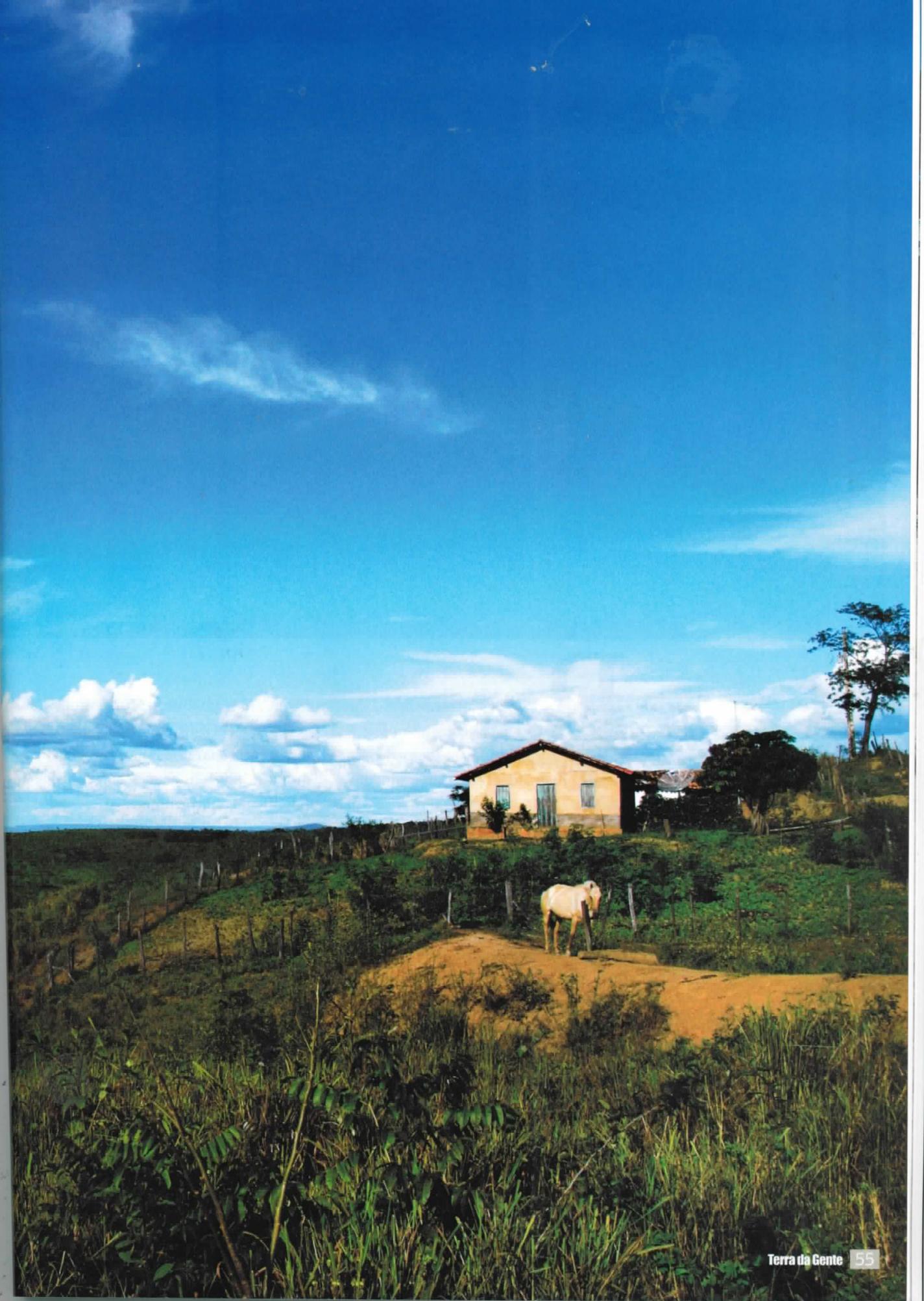
Descobrimos o ninho do pica-pau-de-cara-canela.
Agora só falta salvar esta bela espécie ameaçada

ISSN 1806-3306
R\$ 10,00
9771806330004 00096

O VERDE VALE DA SECA

texto e fotos | HENRIQUE PICARELLI

O armazenamento de água da chuva em grandes cisternas e o ensino voltado para a agroecologia estão transformando uma das regiões mais secas e pobres, o Vale do Jequitinhonha, em Minas, que começa a produzir alimento o ano todo sem agrotóxicos nem queimadas



ISSN 1806-3306
R\$ 10,00
977180613300041 00096



Pelas montanhas e vales do Jequitinhonha, na região nordeste de Minas Gerais, realidades diferentes ajudam a contar a história de um lugar marcado pela diversidade cultural e estigmatizado pela escassez de água. O Vale do Jequitinhonha sempre teve o nome atrelado à imagem da seca, da miséria e da migração sazonal de milhares de homens à procura de trabalho nas monoculturas de cana-de-açúcar e de café. Uma marcha de esperança para os boias-frias que partiam, um vale de saudade para as mulheres e filhos que ficavam.

Nesse ciclo interminável de partidas e retornos, as chuvas nem sempre cumpriam a promessa de voltar e transformavam uma realidade, já difícil por natureza, num desafio quase sobre-humano para subsistir. Longos períodos de estiagem

tornaram a água um recurso ainda mais precioso e obrigavam mulheres e crianças a enfrentar maratonas atrás do pouco que ainda restava em açudes barrentos, compartilhados com animais.

No período das chuvas, no entanto, o Vale do Jequitinhonha se transforma. A mata seca cede espaço às folhas verdes. O solo rachado se preenche de vida. Os rios voltam a ocupar o leito. E a lavoura abandonada restabelece o seu pacto com o agricultor e floresce, germina! O desafio agora é permitir que esses 4 meses do ano se perpetuem pelos outros 8. E que os pouco mais de 900 milímetros de água que precipitam durante essa época sejam suficientes para matar a sede, para cozinhar e para produzir alimento o ano inteiro.

No município de Francisco Badaró, no Médio Jequitinhonha, um grupo quilombola está aprendendo a lidar com as in-

VACAS GORDAS

A lavoura e o gado não dependem mais só dos açudes. Graças à cisterna-calçadão o alimento que sobra em casa é levado pelas agricultoras para venda no mercado



certezas do tempo e com as dificuldades do Semiárido. Na comunidade de Mocó, onde vivem atualmente cerca de 45 famílias, a produção predominante ainda é a de mandioca, beneficiada na farinheira comunitária. Algumas propriedades mantêm pequenas roças de subsistência e de feijão.

Mas é na casa de Raquel Sales Pereira que a transformação e os aprendizados se tornam mais evidentes. Aos 64 anos, Raquel aprendeu com a vida a falta que a água faz. Conviveu, desde criança, com as longas caminhadas até distantes açudes e pequenos filetes d'água. Acompanhou, sem poder fazer nada, pequenas lavouras serem devoradas pela seca. "A água sempre foi um problema por aqui. Sempre! Naquela época, a gente produzia só mandioca e tinha que buscar água longe, trazendo em baldes na cabeça, debaixo desse

A cisterna domiciliar garante água na casa. A do tipo calçadão, a irrigação da horta nos 8 meses de seca na região

sol", recorda a agricultora. Aprendeu, sem desmanchar o sorriso, quão longas podem ser as noites sem ter o que comer. Mas não perdeu, apesar de tudo isso, a força para tentar reescrever a própria história e mudar o destino a que parecia estar condenada.

A mudança começou em 2008 quando Raquel foi beneficiada pelo Programa 1 Milhão de Cisternas (P1MC), ação promovida pela rede de organizações sociais Articulação do Semi-Árido Brasileiro (ASA) e que atua nos 9 estados de abrangência da região do Semiárido. Naquele ano, foi construída uma cisterna domiciliar, a primeira na comunidade de Mocó, que permitiu a ela ter água para beber, cozinhar



e escovar os dentes durante os 8 meses de estiagem. Com um sistema simples de captação de água da chuva através de calhas no telhado, a cisterna tem capacidade para armazenar até 16 mil litros de água, o suficiente para uma família de 5 pessoas. “A primeira cisterna resolveu o problema da água da casa, mas não o problema da horta”, lembra.

No ano seguinte, em 2009, chegava à propriedade a solução que Raquel esperava. Na frente da casa, quase como um cartão de visitas, foi construída uma espécie de quadra de cimento com 200 metros quadrados, levemente inclinada, de onde a água da chuva escorre para uma cisterna de 52 mil litros. Hoje, ao redor da cisterna-calçadão, viceja uma lavoura colorida e diversificada, muito diferente dos tempos em que a plantação de mandioca predominava. “Hoje, essa cisterna é a maior riqueza que eu tenho. Antigamente, a gente passava o dia na

roça, plantando mandioca, torcendo para a chuva vir, torcendo para a plantação vingar. Hoje, mesmo quando a chuva não vem, a roça cresce verdinha”, comemora a agricultora, que se perde ao contar o número de culturas que dividem o espaço na terra. “Tem cenoura, beterraba, repolho, quiabo, tomate, abóbora. Ali tem coentro, uns pés de laranja, cebolinha, pimenta. E tudo sem agrotóxico”, ressalta Raquel, que produz através do sistema agroecológico com orientação dos técnicos da Cáritas Diocesana de Araçuaí (MG), uma das organizações ligadas à ASA no Vale do Jequitinhonha.

Se antes a produção mal dava para alimentar a família, hoje se tornou a principal fonte de renda dos Sales Pereira. Ao lado da amiga Narcisa de Sousa Lopes, com quem divide o trabalho na roça há quase cinco décadas, Raquel recorre às antigas bacias para levar o excedente – que a cada dia se torna maior – até o pequeno

ÁGUA E FARTURA

Com o sistema de captação e a cisterna (acima), não falta água em casa. Os alimentos da horta irrigada são bastante disputados no mercado da cidade



mercado na sede do distrito de Tocoíós. São raras as vezes, no entanto, que elas conseguem chegar com mercadorias até lá. Pelo caminho, nos quatro quilômetros que separam a propriedade do mercado, os moradores disputam os pés de alface, os maços de beterraba e as pencas de banana. “A cabeça que a gente usava antes para trazer água, agora carrega as verduras para vender. E o melhor é que falta verdura de tanto que as pessoas procuram pela gente”, anima-se Narcisa.

Bacia vazia é sinal de bolso cheio. Todo sábado, Raquel e Narcisa voltam para casa carregando os frutos da boa colheita. São cerca de R\$ 80,00 por semana que ajudam nas despesas da família e alimentam a fé dessas mulheres que aprenderam, desde muito cedo, a dar valor às conquistas. “Uma pena que eu estou no final da vida. Queria passar mais tempo por aqui, vivendo do jeito que a gente vive hoje”, lamenta Raquel, sem se dar conta

A bacia que trazia água barrenta agora leva verduras e legumes para serem vendidos aos vizinhos e no mercado

do legado que está deixando para os sete filhos e os netos. A experiência das duas mulheres se repete pelo Semiárido, onde o projeto da ASA já construiu mais de 9.500 cisternas-calçadão.

ENSINO PARA A VIDA

Não muito distante de Francisco Badaró, outra iniciativa tem buscado modificar a relação das pessoas da zona rural com a terra. Em Veredinha, cidade localizada no Alto Jequitinhonha e distante quase 450 quilômetros de Belo Horizonte, uma escola voltada para a educação no campo tem transformado filhos de agricultores em futuros técnicos agropecuários.

Fundada no início de 2011, a Escola Família Agrícola (EFA) de Veredinha representa uma vontade e uma conquista dos



homens do campo do Vale. As primeiras conversas datam de 2002, época em que a filha do proprietário rural Valdemar Alves da Rocha estudava na EFA em Turmalina, cidade vizinha a Veredinha. Durante as visitas, a filha sempre trazia algo novo para ser aplicado na lavoura ou no tratamento com o gado, o que chamava muito a atenção de Valdemar. “Quando voltava, ela me ensinava um monte de coisa que aprendia na escola porque lá a educação era voltada para a vida no campo. E foi nessa época que tudo começou”, conta o agricultor que, em 2003, doou 5 hectares de terra para a construção da escola na comunidade rural de Gameleira, concluída em 2010.

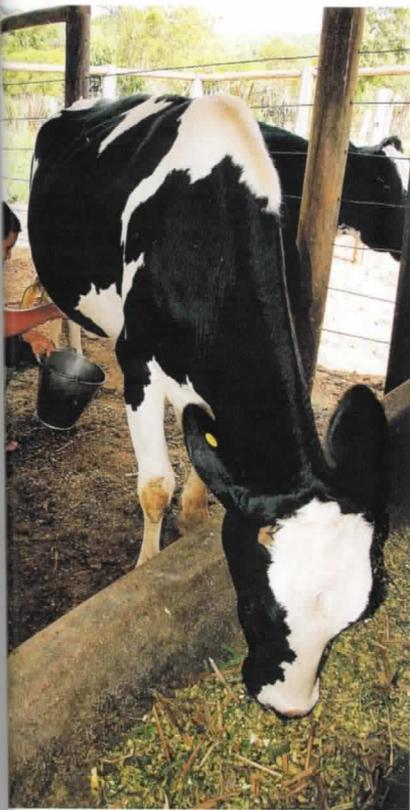
Ao contrário da escola tradicional, as EFAs priorizam o ensino voltado para a realidade rural, considerando a cultura do campo no processo de ensino e aprendizagem do aluno. Dentro desse contexto, os estudantes passam parte do período dentro da escola, em regime integral, e igual tempo na propriedade rural, colocando em prática aquilo que aprenderam na sala

de aula e trazendo para ela as dúvidas que brotaram no campo. “A pedagogia da alternância permite que o estudante passe 15 dias aqui e outros 15 com a família, levando o conhecimento teórico adquirido em aula para a realidade dele”, afirma José Pereira dos Santos, um dos 6 monitores da EFA de Veredinha. “O conteúdo das aulas é construído junto com os alunos através de um plano de estudos. Nele, cada estudante traz as necessidades encontradas na propriedade rural da família ou aquilo que gostaria de aprender. A partir disso, a gente começa a criar o currículo escolar além das matérias obrigatórias”, afirma.

Para José Murilo Alves de Sousa, membro da equipe técnica do Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV), a EFA representa uma oportunidade de o jovem do campo continuar os estudos. “Antes de definirmos o perfil da escola, fizemos uma pesquisa que mostrou que apenas 16% dos alunos do meio rural concluíram o terceiro ano do Ensino Médio. E o principal motivo para isso era a busca

TEORIA E PRÁTICA

O que os futuros técnicos agropecuários aprendem como internos na Escola Família Agrícola (acima), eles colocam em prática nas duas semanas que passam em casa (à dir.)



de emprego”, o que motivou a criação de uma escola de ensino médio com curso profissionalizante em técnico em agropecuária.

Foi exatamente o perfil da escola que trouxe Felipe Viana de volta aos estudos. Aos 21 anos e depois de passar 3 anos sem estudar, este mineiro de sotaque carregado se interessou pela oportunidade de se profissionalizar na área de que tanto gosta. Filho de proprietário rural, Felipe enxerga no campo o lugar onde gostaria de trabalhar no futuro. “Eu queria voltar a estudar, mas queria algo mais focado naquilo que gosto. Estar aqui é uma oportunidade de unir o útil ao agradável.”

Para Roberta Alves, 16 anos, no segundo ano do curso técnico, a escolha pela EFA está ligada à relação que tem com o campo. “Eu cresci na zona rural vendo meus pais trabalhando na roça. Quando surgiu a oportunidade de vir para cá, vi a possibilidade de aprimorar meus conhecimentos, de poder levar mais informações para lá e trazer o que sei para cá”.

Na escola agrícola são quinze dias de internato e os outros quinze com a família, aplicando os conhecimentos

Atualmente, a EFA de Veredinha conta com 81 alunos, mantidos com recursos obtidos junto à organização suíça Vivamos Mejor, o que garante o estudo até 2013, quando a primeira turma se forma.

Mais do que garantir estudo para uma população jovem que se via obrigada a migrar atrás de empregos, a EFA é uma oportunidade de levar às propriedades rurais, por meio dos sistemas agroecológicos ministrados aos alunos, uma maneira diferente de produzir, sem a utilização de queimadas ou agrotóxicos, ou substituir as lavouras tradicionais pela plantação de eucalipto, fato que tem se tornado cada vez mais comum no Alto Jequitinhonha. “Essa escola representa a oportunidade de levar conhecimento para o campo e proporcionar uma grande virada na vida dessas pessoas”, sentença José Murilo. ✨